

# *Jesus e Paulo falam de ressurreição da carne?*

*“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras.” (Friedrich Nietzsche)*

Lemos o comentário do leitor Daniel Martins sobre o texto do confrade Paulo Neto com o título de *“Manifestações do Espírito de Jesus”*, divulgado em nosso site ([AQUI](#)) e em nossa página do FaceBook. Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa exposição.

Percebemos que o estimado leitor do texto do confrade Paulo Neto não esteve tão satisfeito quanto a aparição de Jesus em forma espiritual e advogou a assertiva de que Jesus esteve com o corpo de carne ressuscitado, tendo aparecido às mulheres, apóstolos e depois a diversas pessoas que não entraremos no mérito da análise, uma vez que o Paulo Neto já o fez em seu artigo. Entendemos que a vontade do leitor é maior do que o que os textos bíblicos poderão oferecer. Vejamos:

Como assim os que insistem que a ressurreição foi na carne? Era assim que os escritores do Novo Testamento, apóstolos, cristãos primitivos e o próprio Jesus entendiam a ressurreição. Jesus afirmou de modo insofismável que estava em um corpo de carne e ossos (Lc 24:39). Na verdade, houve por parte de Kardec (que não era um erudito bíblico ou historiador) e ainda há por parte dos espíritas uma tentativa de reescrever a história. Além disso, essa tentativa frequentemente se baseia em textos incompletos e fora de contexto.

Tirar textos de contexto pode mudar totalmente o sentido da afirmação original. Seria como se eu empregasse o Salmo 14:1 para negar a existência de Deus, citando uma de suas afirmações fora de contexto: “não há Deus”. O texto original está citando a fala de outra pessoa: “disse o néscio em seu coração: não há Deus”.

Tirar textos de contexto pode conduzir a equívocos como esse.

A única referência que o leitor aponta para a ressurreição física de Jesus é narrada no Evangelho de Lucas, (Lc 24,39). Ocorre que esta e a do Evangelho de João (Jo 20,26-31) são as únicas atestações de que Jesus havia ressuscitado em carne e osso, após a sua crucificação, levando-nos a colidir com outros textos, também bíblicos, de que a

ressurreição não é em carne, mas espiritual, tal qual é explanado em João capítulo 6 e 1ª Coríntios capítulo 15 que empreenderemos a devida exegese.

Contudo, o estimado leitor nos acusa de que somos penalizados em nossas interpretações bíblicas, devido ao fato de que isolamos versículos e criamos uma exegese forçada e equivocada. Entretanto, apresentamos sempre diversas traduções bíblicas, a sua devida hermenêutica e exegese mais próxima dos seus autores originais. Para tanto, até mesmo Allan Kardec (1804-1869) o fez com maestria, e o que nos parece, não satisfaz ao prezado leitor de nosso site.

Antes de darmos a continuidade no desenvolvimento de nosso esclarecimento ao tema, sugerimos ao nosso leitor e demais o estudo do artigo “**Ressurreição da Carne?**” desenvolvido pelo nosso colunista Paulo Neto, disponível para baixar ([AQUI](#)). Partindo desta premissa básica, conheceremos os demais argumentos de nosso leitor, na defesa da ressurreição da carne. Vejamos:

É exatamente o que espíritas fazem com a Bíblia para tentar provar algumas de suas ideias, como essa de que o corpo ressurreto não é de carne.

Um estudo robusto sobre a ressurreição foi publicado por N.T. Wright, grande estudioso que foi professor em Cambridge, Montreal e Oxford, além de pesquisador do Novo Testamento e do Cristianismo primitivo na Universidade de Oxford e na Universidade de St Andrews.

Após analisar, a documentação antiga sobre o tema, Wright concluiu o seguinte:

“(…) quando os primeiros cristãos diziam “ressurreição”, eles davam a essa palavra o significado que tinha tanto no paganismo (que a negava) quanto no judaísmo (afirmada por uma parte importante dele). (…) a palavra significava ressurreição corpórea, e era isto que os primeiros cristãos afirmavam.” WRIGHT, N.T. A Ressurreição do Filho de Deus. São Paulo: Paulus, 2017, pág. 307 e 308.

Primeiro precisamos esclarecer ao nosso leitor que não buscamos na Bíblia a comprovação dos conceitos da Doutrina Espírita, onde nela só identificamos a evidência de seus pilares, cabendo a ciência a comprovação dos fenômenos espíritas.

Com todo o respeito ao N. T. Wright, em sua tese de querer comprovar que a ressurreição era conceitualmente física, mas não há respaldo na ciência, nas próprias Escrituras e até mesmo na concepção judaica, ao qual encontramos evidências em

Flávio Josefo (37-103 d.C.), a descrever a crença dos judeus Essênios quanto a crença na ressurreição e até mesmo um Pai da Igreja, Orígenes (185-254 d.C.) que também acreditava na imortalidade da alma e até mesmo na ressurreição espiritual.

Traremos as referências do artigo **“Ressurreição da Carne?”** ([CLIQUE AQUI](#)) que citamos acima para aclarar a mente que é mais válido um relato de um historiador judeu no período intertestamentário e de um Pai da Igreja do terceiro século. Vejamos a transcrição do artigo do Paulo Neto:

Em *História dos hebreus*, Josefo diz o seguinte sobre os essênios:

[...] esperavam passar desta vida para a melhor e acreditavam firmemente que, embora nosso corpo seja mortal e corruptível, **nossas almas são imortais e incorruptíveis – de uma substância etérea, muito sutil**, encerrada no corpo, como numa prisão, onde uma inclinação natural as atrai e retém – e que apenas se veem livres destes laços carnis, que as prendem em dura escravidão, quando elevam-se ao ar e voam com alegria. (JOSEFO, 2003, p. 555) (grifo nosso)

Ora, se “nossas almas são imortais e incorruptíveis – de uma substância etérea, muito sutil”, conseqüentemente não pode ser de matéria como é o nosso corpo físico. Da obra *Contra Celso*, podemos tirar esses três trechos dos argumentos de Orígenes:

[...] **a alma dos mortos subsiste**; e para quem admite essa doutrina, a fé na imortalidade da alma ou, pelo menos, na sua permanência tem fundamento. Assim sendo, o próprio Platão, em seu diálogo sobre a alma, diz que em volta de túmulos apareceram para algumas pessoas “imagens semelhantes às sombras”, homens que acabavam de morrer. E estas imagens que aparecem em volta das sepulturas dos mortos vêm de uma substância, **a alma que subsiste no que chamamos “corpo luminoso”**. (ORÍGENES, 2004, p. 182) (grifo nosso)

[...] Em nossas discussões com os judeus e também entre nós, sabemos que só existe um Deus, aquele que os judeus adoravam antigamente e ainda hoje professam adorar, e estamos puros de qualquer impiedade a seu respeito. **Tampouco dizemos que Deus ressuscitará os homens dentre os mortos com a mesma carne e o mesmo sangue**, como vimos acima; dizemos que aquilo que foi semeado “corpo psíquico na corrupção, na abjeção, na fraqueza” não ressuscita no estado em que foi semeado. [...]. (ORÍGENES, 2004, p. 480) (grifo nosso)

[...] porque sabemos que a alma, que por sua própria natureza é incorpórea e invisível, precisa, quando se encontra num lugar corporal qualquer, de um corpo apropriado por sua natureza neste lugar. Ela

carrega este corpo depois de ter abandonado a veste, necessária antes, mas supérflua para um segundo estado, e a seguir, após tê-lo revestido por cima com aquela veste que tinha inicialmente, **porque precisa de uma veste melhor para chegar às regiões mais puras, etéreas e celestes**. Ao nascer para o mundo, ela abandonou a placenta que era útil à sua formação no seio de sua mãe enquanto nela se encontrava; revestiu por baixo o que era necessário a um ser que viveria na terra. (ORÍGENES, 2004, p. 567-568) (grifo nosso) (SOBRINHO, P. N. 2011. p. 6-7)

Fim da citação

Parece-nos que o nosso leitor não conhece a obra de Flávio Josefo e tão pouco a de Orígenes. Em relação a um exame de um catedrático atual e a evidência histórica apresentada, ficamos com a mais próxima do período de formação do Novo Testamento. Passemos ao ponto seguinte abordado pelo nosso leitor. Vejamos:

E quanto aos versículos no artigo?

João 6:63 está fora de contexto. Nem o versículo foi citado completamente. O texto não discorre sobre a natureza do corpo ressurreto.

Jesus dizia que era o pão da vida (Jo 6:48) e que ninguém teria a vida eterna se não comesse a sua carne e bebesse o seu sangue (v. 53).

Ao ouvir isso, muitos discípulos afirmaram que eram palavras duras de Jesus e que ninguém poderia ouvi-las (v. 60).

Então Jesus explicou o seguinte:

“O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos digo são espírito e vida.”

João 6:63

Esse foi o contexto em que Jesus fez tal afirmação. Além disso, como vemos a afirmação não foi “a carne para nada serve”. Não dessa maneira fora de contexto, mas “o espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos digo são espírito e vida”. Ele falava sobre o que era necessário para se obter a vida eterna. Ele era o pão da vida, necessário para isso. O pão de que devemos nos alimentar. Não sua carne literal, mas suas palavras, que são espírito e vida.

A ressurreição nem sequer é mencionada.

Diante das observações do nosso leitor sobre a questão do conceito do pão do céu, precisaremos retroceder ainda mais no contexto do Evangelho de João (Jo 6,22-

66), ao qual traz em seu conceito o **Discurso na sinagoga de Cafarnaum** como objetivo principal de Jesus expor sobre ele ser o pão do céu.

Dentro deste conceito, é completamente distinto a assertiva de Jesus em delimitar que não devemos trabalhar pelo alimento que se perde (v. 27), mas buscar o alimento que o Filho do Homem dará que é eterno e imperecível (v. 28). Existe ainda a alusão do maná no Deserto (v. 31) que quem deu aos judeus, não foi Moisés, mas o Pai (v. 32). Caso houvesse já uma importância do alimento material, prefigurando que haveria uma necessidade de possuímos um corpo físico, que nos serviria de veículo de manifestação no plano espiritual, logo no início do discurso de Jesus, ele já deveria dar tal importância, mas ele deixa bem claro que a matéria ao qual nos revestimos não é mais importante que o espírito que somos (vv. 34-40).

A relação deste capítulo 6 do Evangelho de João com a ressurreição é compreendida em toda a sua abrangência, tal qual fizemos questão de citar desde o verso 22 até o verso 66. Observamos que Jesus alude sim a ressurreição. Vejamos a Bíblia de Jerusalém.

Jo 6,39-40: E a vontade daquele que me enviou é esta: que eu não perca nada do que ele me deu, **mas o ressuscite** no último dia.<sup>d</sup> Sim, esta é a vontade de meu Pai: quem vê o Filho<sup>e</sup> e nele crê tem a vida eterna, e **eu o ressuscitarei** no último dia.

---

d) Opor 11.24-26. **O tema da ressurreição “no último dia” (vv. 39.40.44.54; cf. 12.48) foi provavelmente acrescentado pelo último redator**, a fim de reintroduzir no evangelho a escatologia segundo Dn (cf. introd.)

e) “Ver” o Filho é discernir e reconhecer que ele é realmente o Filho enviado pelo Pai (cf. 12,45; 14,9; 17,6+). (Bíblia de Jerusalém. 2002. p. 1858) (grifo nosso)

Percebemos na amplitude do contexto que Jesus faz uma pausa, os judeus da sinagoga se escandalizam (vv. 41-43). Com isso, Jesus retoma seu discurso exortando aos seus ouvintes (vv. 44-51). Caso houvesse uma certa importância singular do corpo físico no discurso de Jesus ante aos seus ouvintes, mesmo tendo discursado anteriormente sobre a ressurreição, teríamos visto dele nos apresentar este conceito publicamente, fato que não ocorreu.

Nosso leitor acredita que o discurso de Jesus na sinagoga, ante ao seu público, inicia no verso 48, quando o mestre salienta que ele é o pão da vida, mas observamos que o contexto do longo discurso de Jesus antecede a sugestão de nosso leitor para o verso 22 e encerra no 66, ficando nosso leitor pelo caminho de suas elucubrações no verso 63. Ademais, faz justamente o que condenou ter feito no nosso colunista.

Portanto, diante desta exegese do texto em lide, o nosso colunista Paulo Neto não incorreu em erro ao afirmar que “O espírito é que vivifica, a carne para nada serve”. (v. 63), uma vez que todo o contexto examinado fala de trabalhar para se alimentar, maná no deserto, ressurreição e alimento espiritual imperecível. Vamos agora para outro texto, alegado pelo nosso leitor, que Paulo se refere a ressurreição do corpo físico e não espiritual. Vejamos suas ponderações.

E quanto a I Coríntios 15:35-45? Esse texto realmente fala de ressurreição, mas não nega sua natureza física. Como N.T. Wright também aponta, os antigos filósofos gregos fizeram distinção entre substâncias, mas não traçaram limites entre “físico” e “não físico” como fazem os ocidentais modernos (p. 489). Não levar isso em consideração nos conduz a um anacronismo.

Além disso, Paulo diz “soma psychikos” e “soma pneumatikos”. “Psychikos” significa literalmente “da alma”, não “animal”, como na tradução citada no artigo. A tradução literal do texto seria, então, “corpo da alma”. Enquanto “pneumatikos” significa “do Espírito”.

Nenhuma das duas palavras significa “físico”, portanto não há contraste entre corpo físico e corpo espiritual. Wright também mostra que a palavra “pneumatikos” era frequentemente usada para descrever objetos e pessoas físicas.

O motivo é bem simples. “Pneumatikos” não significa “imaterial” ou “não-físico”, mas era usado com o significado de “animado e habitado pelo Espírito de Deus”. É o mesmo sentido em que um cristão diz que alguém é espiritual.

Ou seja, o corpo da ressurreição será o corpo físico, como o Paulo deixou claro em outras situações (ex. Rm 8:9-11), porém será um corpo físico animado e habitado pelo Espírito, em contraste com o corpo anterior à ressurreição, que é “psychikos”. Este último é usado para indicar um corpo “animado pelo sopro comum de vida”

Em I Coríntios 15:50, que foi citado parcialmente e fora de contexto (como também o foi João 6:63), a explicação para “carne e sangue não podem herdar o reino de Deus” vem logo em seguida, num paralelismo hebraico: “nem o corruptível pode herdar o incorruptível”.

Paulo não se referia à “humanidade física”, mas à “presente humanidade física, sujeita à decadência e à morte”, conforme bem conclui Wright.

O corpo ressurreto será físico, de carne, como acreditava Paulo e todos os demais cristãos primitivos. Porém, será um corpo físico não sujeito à decadência e à morte. O corpo será transformado incorruptível e imortal, não abandonado.

Portanto, considero inconcebível essa conclusão, baseada em uma leitura rasa de textos incompletos e fora de contexto:

“Logo não há como não concluir que a ressurreição de Jesus foi no corpo espiritual, ou seja, em Espírito, cumprindo-se a lei natural. Assim, sua ascensão só faz sentido no corpo espiritual ou no designado corpo incorruptível de Paulo, como se ilustra na imagem.”

O texto reclamando do nosso leitor está na primeira epístola de Paulo aos Coríntios, capítulo 15, onde os Cristãos primitivos tinham uma dúvida sensível acerca da ressurreição dos mortos. Paulo, como fariseu, acreditava no retorno à vida dos antigos profetas, tal qual bem apresentamos em nossa obra [A Torá e a Reencarnação \(CLIQUE AQUI\)](#), que convidamos nosso leitor e demais conhecerem, bem como na ressurreição dos mortos, em estado de letargia que na época de Jesus dava-se a morte clínica e que em dias atuais, sabemos se tratar de processos de EQM (Experiência de Quase Morte). Enumeramos os casos de morte e ressurreição, descritos nos Evangelhos.

- a) **Jesus** ressuscita: a filha de Jairo (Mt 9,24), o filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17) e Lázaro (Jo 11,1-44).
- b) **Pedro** ressuscita: citado por ter ressuscitado a jovem chamada Tabita (At 9,36-40).
- c) **Paulo** ressuscita: que fez voltar à vida o menino Êutico, que havia morrido após ter caído de uma janela (At 20,9-12).

Sabemos, pelos relatos bíblicos, que estes personagens não foram elevados aos “céus” com corpo material e tudo. Com isso, deduzimos que a ressurreição dos mortos descrita por Jesus e após por Paulo, se tratava de retorno à vida, num processo de reanimação do corpo físico inerte, do processo de retorno do espírito a uma nova encarnação e também no processo de ressurgimento do espírito, após a morte física de seu corpo.

Para uma melhor compreensão da questão da ressurreição dos mortos, recomendamos o estudo da nossa mais recente obra ***A Grande Tribulação e seu Cumprimento Histórico*** ([CLIQUE AQUI](#)), mais precisamente no capítulo 27, tratamos da visão pré-tribulacionista como entendimento atual dos cristãos protestantes, no trato ao sermão profético de Jesus, contido em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21. Esquadrinhamos um paralelo destes eventos com os fatos históricos, narrados por historiadores do primeiro século da era Cristã que esclarecerá de como os primeiros Cristãos tinham a esperança iminente da vinda de Jesus e a deflagração da primeira guerra judaico-romana.

Partindo destas duas obras como basilares para uma melhor compreensão dos fatos, vamos agora nos ater a análise de 1 Coríntios 15, apontado pelo nosso leitor especificamente em (1 Cor 15,35-45,50). Iremos nos ater ao contexto que criou toda a celeuma, onde nosso leitor identifica o corpo celeste de Paulo, como um corpo igualmente físico, possuindo carne e sangue a herdar o reino dos céus, fato este que o contexto não favorece esta interpretação no português e nem no grego. Vejamos:

**O modo da ressurreição** — <sup>35</sup>Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam? <sup>36</sup>Insensato! O que semeias não readquire vida a não ser que morra. <sup>37</sup>E o que semeias não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas um simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. <sup>38</sup>A seguir, Deus lhe dá corpo como quer; a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio. <sup>39</sup>Nenhuma carne é igual às outras, mas uma é a carne dos homens, outra a carne dos quadrúpedes, outra a dos pássaros, outra a dos peixes. **<sup>40</sup>Há corpos celestes e há corpos terrestres.** São, porém, diversos o brilho dos celestes e o brilho dos terrestres. <sup>41</sup>Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho. **<sup>42</sup>O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos; semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível;** <sup>43</sup>semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; <sup>44</sup>semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual. **Se há um corpo psíquico<sup>g</sup>, há também um corpo espiritual.** <sup>45</sup>Assim está escrito: o primeiro *homem*, Adão, *foi feito alma vivente<sup>a</sup>*; o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. <sup>46</sup>Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é psíquico; o que é espiritual vem depois. <sup>47</sup>O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu. <sup>48</sup>Qual foi o homem terrestre, tais são também os terrestres. Qual foi o homem celeste, tais serão os celestes. <sup>49</sup>E, assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos<sup>b</sup> a imagem do homem celeste. **<sup>50</sup>Digo-vos, irmãos: a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade.** <sup>51</sup>Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, **mas todos**



**seremos transformados,**<sup>c 52</sup> num instante, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final;<sup>d</sup> sim, a trombeta tocará, e os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados.<sup>53</sup> Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade.

---

g) Para Paulo, como para a tradição bíblica, a *psyché* (hebr. *Nefesh*; cf. Gn 2,7) é o princípio vital que anima o corpo humano (1Cor 15,45) e a “vida” do corpo (Rm 16,4; Fl 2,30; 1Ts 2,8; cf. Mt 2,20; Mc 3,4; Lc 12,20; Jo 10,11; At 20,10 etc), a alma viva no corpo (2Cor 1,23). A mesma palavra pode designar o homem inteiro (Rm 2,9; 13,1; 2Cor 12,15; At 2,41,43 etc.) A *psyché* porém, fica sendo princípio de vida natural (1Cor 2,14; cf. Jd 19), que deve apagar-se diante do *pneuma*, para que o homem encontre de novo sua vida divina. Esta substituição, que se inicia já durante a vida mortal pelo dom do Espírito (Rm 5,5+; cf. 1,9+), atinge a sua plenitude após a morte. Ao passo que a filosofia grega só professava a sobrevivência imortal da alma superior (*nous*), liberta do corpo, o cristianismo concebe a imortalidade estritamente como restauração integral do homem, ou seja, como ressurreição dos corpos pelo Espírito, princípio divino que Deus retirou do homem em consequência do pecado (Gn 6,3) e que lhe devolve pela união com Cristo ressuscitado (Rm 1,4+; 8,11+), homem celeste e Espírito vivificante (1Cor 15,45-49). De “psíquico” o corpo se torna então “pneumático”, incorruptível, imortal (1Cor 15,53), glorioso (1Cor 15,43; cf. Rm 8,18; 2Cor 4,17; Fl 3,21; Cl 3,4), liberto das leis da matéria terrestre (Jo 20,19,26) e das suas aparências (Lc 24,16). – Em sentido mais amplo, a *psyché* pode designar a alma, por oposição ao corpo (Mt 10,28), a sede da vida moral e dos sentimentos (Fl 1,27; Ef 6,6; Cl 3,23; cf. Mt 22,37p: 26,38p; Lc 1,46; Jo 12,27; At 4,32; 14,2; 1Pd 2,11 etc), e até mesmo o ser espiritual e imortal (At 2,27; Tg 1,21; 5,26; 1Pd 1,9; Ap 6,9 etc.).

- a) Isto é, um ser dotado por sua *psyché*, mas de vista puramente natural e submetido às leis do desgaste e da corrupção.
- b) Var. “possamos nós trazer”
- c) **Paulo esperava que a Parusia acontecesse antes de sua morte.**
- d) Desde o Sinai (Ex 19,18,19), a trombeta faz parte do simbolismo das manifestações divinas (Mt 24,31; 1Ts 4,16+). Ela assinala o ritmo das etapas do desígnio final de Deus (cf. as sete trombetas de Ap 8,6-11,19). (Bíblia de Jerusalém. 2002, p. 2014-2015) (grifo nosso)

Como podemos observar na exegese da Bíblia de Jerusalém, identificamos a crença de Paulo, nos moldes do judaísmo farisaico, da crença da ressurreição dos últimos dias, ao qual ele acreditava viver, o que de fato representava o fim daquela era, como bem apresentamos no nosso e-book **[A Grande Tribulação e o seu Cumprimento Histórico \(CLIQUE AQUI\)](#)**, correlacionando os oráculos do sermão profético de Jesus como eventos registrados pela história, da guerra judaico-romana que corroboram nossa tese. Recomendamos ao nosso leitor, e demais, a conhecerem esta pesquisa, disponível em nosso site.

O nosso colunista Paulo Neto já abrangeu suficientemente este tema em seu e-book **[Série: O Espiritismo na Bíblia – Qual ressurreição da carne, na carne, ou a do](#)**

**Espírito?** Entretanto, nosso leitor ainda não está satisfeito, pois defende que Paulo se referia a uma ressurreição da carne, portando um corpo de carne e sangue, com base no texto que apresentamos, como se Paulo falasse de uma ressurreição física e não espiritual e em glória.

Nosso objetivo é resgatar o Jesus histórico e não o Jesus da fé, pois este último conceito é tardio e foi ganhando um certo teor de mitologia na construção dos Evangelhos e até mesmo na tradição oral do cristianismo primitivo. Para tanto, recorreremos a obra **Como Jesus se Tornou Deus** Do renomado especialista em Novo Testamento Bart D. Ehrman. Vejamos seu conteúdo a destrinchar sobre a ressurreição.

### OS TEXTOS DO APÓSTOLO PAULO

Paulo fala da ressurreição de Jesus constantemente ao longo das sete cartas que os estudiosos concordam que ele de fato escreveu.<sup>51</sup> Nenhuma passagem declara as visões de Paulo com mais clareza ou força que 1 Coríntios 15, o chamado capítulo da ressurreição. Nesse capítulo, Paulo não pretende “provar” que Jesus ressuscitou, como é às vezes erroneamente interpretado. Em vez disso, ele assume, com seus leitores, que Jesus realmente ressuscitou; e usa essa suposição para destacar o ponto mais importante para ele, que é o seguinte: uma vez que Jesus ressuscitou fisicamente, é claro que seus seguidores — a despeito do que os oponentes cristãos de Paulo dizem — ainda não experimentaram a ressurreição futura. Para Paulo, a ressurreição não é uma questão espiritual sem relação com o corpo, como era para alguns de seus oponentes. É exatamente o corpo que se erguerá imortal no último dia, quando Jesus retornar triunfante dos céus. Os cristãos em Corinto, portanto, não estão experimentando aqui e agora as glórias da vida ressurreta. Elas ainda estão por vir, quando seus corpos forem ressuscitados.

Paulo começa sua discussão sobre a ressurreição de Jesus e a futura ressurreição dos crentes citando uma confissão cristã padrão, ou credo (isto é, uma declaração de fé), que já era conhecida de seus leitores (como ele mesmo indica):

*<sup>3</sup>Pois transmiti a vocês entre as coisas mais importantes o que eu também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados de acordo com as escrituras, <sup>4</sup>foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia de acordo com as escrituras, <sup>5</sup>e apareceu a Cefas, depois aos Doze; <sup>6</sup>então apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, muitos dos quais ainda vivem, embora alguns já tenham adormecido. <sup>7</sup>Depois apareceu a Tiago e, então, a todos os apóstolos; <sup>8</sup>e por último apareceu até para mim, como a um nascido fora de tempo. (1Co 15:3–8)*

As cartas de Paulo são os primeiros textos cristãos que temos da antiguidade; ele escreveu a maior parte nos anos 50 do século I, ou seja, uns dez ou quinze anos *antes* de nosso Evangelho sobrevivente mais antigo, Marcos. É difícil saber exatamente quando 1 Coríntios foi escrito; se situarmos na metade do período da redação das cartas de Paulo, poderíamos colocar por volta do ano 55 d.C. ou coisa assim — uns vinte e cinco anos após a morte de Jesus.

O impressionante é que Paulo indica que sua declaração de fé é algo que ele havia ensinado aos cristãos em Corinto, presumivelmente quando os converteu. Assim, isso deve remontar à fundação da comunidade, possivelmente uns quatro ou cinco anos antes. Além disso — e essa é a parte importante —, Paulo indica que não concebeu essa declaração por si, mas que a “recebeu” de outros. Paulo usa esse tipo de linguagem em outro ponto de 1 Coríntios (ver 11:22–25) e é amplamente aceito entre especialistas do Novo Testamento que Paulo está indicando que se trata de uma tradição já difundida na igreja cristã, passada a ele por professores cristãos, possivelmente até pelos primeiros apóstolos. Em outras palavras, é o que os estudiosos do Novo Testamento chamam de *tradição pré-paulina* — uma que estava em circulação antes de Paulo escrevê-la e antes até de ele transmiti-la aos coríntios quando os persuadiu a se tornarem seguidores de Jesus. Trata-se, portanto, de uma tradição muito antiga sobre Jesus. Será que retrocede até mesmo a antes da época em que Paulo se juntou ao movimento, por volta do ano 33 d.C., uns três anos após a morte de Jesus? <sup>52</sup> Se assim for, é de fato muito antiga!

Na passagem em si existe evidência de que ela, ou parte dela, seja pré-paulina, e é possível determinar quais trechos eram a formulação original. Como veremos mais plenamente no Capítulo 6, existe uma série de tradições “pré-literárias” nos textos de Paulo e no livro dos Atos — ou seja, citações de declarações de fé, poemas, possivelmente até hinos que estavam em circulação antes de serem citados em nossos textos literários sobreviventes. Os estudiosos conceberam uma série de maneiras para detectar essas tradições pré-literárias. Primeiro, elas tendem a ser construídas em estilo rigoroso, com afirmações concisas que contêm palavras de outro modo não atestadas pelo autor em questão — neste caso, Paulo — e a usar fórmulas gramaticais que do contrário são estranhas ao autor. É o que encontramos aqui nessa passagem. Por exemplo, a frase “segundo as escrituras” não é encontrada em nenhuma outra parte dos textos de Paulo; nem o verbo “ele apareceu”; nem qualquer referência aos “Doze”.

Essa passagem possivelmente contém uma confissão, ou credo, pré-paulino de algum tipo. Todavia, o conjunto inteiro, todos os versos 3–8, fazem parte do credo? A segunda metade do verso 6 (“muitos dos quais ainda vivem...”) e todo o verso 8 (“e por fim apareceu até para mim...”) são comentários de Paulo sobre a tradição, de modo que originalmente não podiam fazer parte do credo. São de fato bons motivos para se pensar que a forma original do credo era simplesmente os versos 3–5, aos quais Paulo acrescentou alguns comentários próprios com base no que ele sabia. Um motivo para restringir o credo original pré-paulino a estes três versos é que isso produz uma declaração de credo formulada em termos muito rigorosos

e brilhantemente estruturada. Contém duas seções principais de quatro afirmações cada, em estreito paralelo uma com a outra (em outras palavras, a primeira afirmação da seção um corresponde à primeira afirmação da seção dois, e assim por diante). Em sua forma original, portanto, o credo seria lido assim:

*1a Cristo morreu*

*2a Por nossos pecados*

*3a De acordo com as escrituras*

*4a E foi sepultado.*

*1b Cristo ressuscitou*

*2b No terceiro dia*

*3b De acordo com as escrituras*

*4b E apareceu a Cefas.*

A primeira seção é toda sobre a morte de Jesus, e a segunda é toda sobre sua ressurreição. As afirmações paralelas funcionam da seguinte forma: primeiro há a afirmação de um “fato” (1a Cristo morreu; 1b Cristo ressuscitou), a seguir vem a interpretação teológica do fato (2a ele morreu por nossos pecados; 2b ele ressuscitou no terceiro dia), seguida de uma afirmação, em cada seção, de que aquilo está “de acordo com as escrituras” (3a e 3b, formuladas de forma idêntica em grego), e, por fim, uma espécie de prova fornecida por meio de evidência física da afirmação (4a ele foi sepultado — mostrando que estava realmente morto; 4b ele apareceu a Cefas [isto é, ao discípulo Pedro] — mostrando que realmente ressuscitou).

Esta, pois, é a tradição pré-paulina muito antiga que Paulo cita em 1 Coríntios 15 e que ele expande no final, oferecendo ainda mais “testemunhas” da ressurreição — inclusive ele mesmo, o último a ver Jesus vivo após a ressurreição (uns dois ou três anos depois da morte de Jesus). Alguns estudiosos argumentaram que essa declaração de fé concisa provém do aramaico, o que significa que poderia recuar até os seguidores de Jesus de idioma aramaico na Palestina durante os primeiros anos após sua morte; outros especialistas não têm tanta certeza disso. Em todo caso, é uma afirmação de credo poderosa, concisa e estruturada de forma inteligente.

Se essa reconstrução da forma original da declaração está correta, pode se fazer várias e importantes observações. Primeiro, se está correto que a segunda afirmação de cada seção é uma “interpretação teológica” da afirmação do “fato” que a precede, então a ideia de que Jesus ressuscitou no terceiro dia não é necessariamente uma recordação histórica de quando a ressuscitação aconteceu, mas uma afirmação teológica de seu significado. Devo destacar que os Evangelhos não indicam em que dia Jesus ressuscitou. As mulheres vão ao túmulo no terceiro dia e o encontram vazio. Contudo, nenhum dos Evangelhos indica que Jesus ressuscitou naquela manhã antes de as mulheres aparecerem. Ele poderia muito bem ter ressuscitado na véspera ou mesmo dois dias antes — digamos que uma hora depois de ter sido sepultado. Os Evangelhos simplesmente não dizem nada.

Se a afirmação de Paulo é de fato uma interpretação teológica em vez de uma afirmação histórica, é preciso descobrir o que significa. É importante ressaltar que é dito que esse “terceiro dia” está de acordo com o testemunho das escrituras, o que, para qualquer autor cristão primitivo não seria o Novo Testamento (que ainda não fora escrito), mas a Bíblia Hebraica. Existe uma visão difundida entre os especialistas de que o autor dessa declaração está indicando que, em sua ressurreição no terceiro dia, Jesus cumpriu o dito do profeta hebreu Oseias: “Depois de dois dias ele nos dará vida novamente; ao terceiro dia nos restaurará, para que vivamos em sua presença” (Os 6:2). Outros estudiosos — uma minoria, embora eu me sinta atraído por esse ponto de vista — pensam que esta seja uma referência ao livro de Jonas, quando Jonas ficou na barriga do grande peixe por três dias e três noites antes de ser solto e, em uma espécie de sentido simbólico, voltou dos mortos (ver Jonas 2). O próprio Jesus é registrado nos Evangelhos comparando sua morte e ressurreição iminentes ao “sinal de Jonas” (Mt 12:39–41). Quer seja uma referência a Oseias ou a Jonas, por que seria necessário dizer que a ressurreição aconteceu no terceiro dia? Porque é o que estava previsto nas escrituras. Esta é uma afirmação teológica de que a morte e a ressurreição de Jesus aconteceram de acordo com o planejado. Este será um ponto importante para nós mais à frente, quando considerarmos o que se pode dizer a respeito de quando os primeiros seguidores de Jesus passaram a pensar que ele havia ressuscitado — e com base em que fundamentos.

Segundo, é importante perceber que todas as afirmações das duas seções do credo estão em estreito paralelo uma com a outra em todos os aspectos — exceto um. A segunda seção contém um nome como parte da prova tangível de que Jesus ressuscitou: “Ele apareceu a [literalmente: “Ele foi visto por”] Cefas”. A quarta afirmação da primeira seção não dá nome a ninguém. Somos informados simplesmente de que ele “foi sepultado” — e não de que foi sepultado por alguém em particular. Dado o esforço do autor desse credo para que cada afirmação da primeira seção corresponda à afirmação paralela da segunda seção e vice-versa, isso deve nos fazer parar para pensar. Teria sido bem fácil fazer o paralelo exato, dizendo simplesmente: “Ele foi sepultado por José [de Arimateia]”. Por que o autor não fez o paralelo exato? Meu palpite é que ele não sabia nada sobre o sepultamento de Jesus por José de Arimateia. Devo salientar que Paulo não diz nada sobre José de Arimateia ou sobre a forma como Jesus foi sepultado em nenhuma outra parte — nem nesse credo, nem no resto de 1 Coríntios, e tampouco em qualquer uma de suas outras cartas. A tradição de que havia uma pessoa específica, conhecida, que sepultou Jesus, parece ser posterior. A seguir mostrarei por que existem motivos para se duvidar de que a tradição seja historicamente exata.

Outra característica frequentemente observada desse credo — e sua expansão por Paulo nos versos 5–8 — é que Paulo parece oferecer um relato exaustivo das pessoas a quem Jesus apareceu depois de ressuscitar. O motivo para se pensar isso é que, depois de citar todos os outros que viram Jesus, Paulo indica que ele foi o “último”. Isso geralmente é entendido — corretamente, penso eu — como

indicativo de que ele está fornecendo a lista mais completa que pode. No entanto, a lista então é deveras impressionante, em grande parte porque não menciona nenhuma mulher. Nos Evangelhos são mulheres que descobrem o túmulo vazio, e em dois Evangelhos — Mateus e João — são mulheres que primeiro veem Jesus vivo depois de morto. Todavia, Paulo não fala nada sobre alguém descobrir um túmulo vazio, e não menciona quaisquer aparições de ressurreição para mulheres — nem aqui, nem em qualquer outra passagem de seus textos.

Sobre o primeiro ponto, por muitos anos os estudiosos consideraram altamente significativo que Paulo, nossa “testemunha” mais antiga da ressurreição, não diga nada sobre a descoberta de um túmulo vazio. Nosso primeiro relato da ressurreição de Jesus (1Co 15:3–5) discute as aparições sem mencionar um túmulo vazio, enquanto nosso primeiro Evangelho, Marcos, narra a descoberta do túmulo vazio sem discutir quaisquer das aparições (Marcos 16:1–8). Isso tem levado alguns estudiosos, como o especialista em Novo Testamento Daniel Smith, a sugerir que esses dois conjuntos de tradição — o túmulo vazio e as aparições de Jesus após a morte — provavelmente originaram-se de modo independente um do outro e foram reunidos em uma só tradição mais tarde — por exemplo, nos Evangelhos de Mateus e Lucas.<sup>53</sup> Se assim foi, então as histórias da ressurreição de Jesus de fato foram expandidas, enfeitadas, modificadas e posteriormente até inventadas no longo processo de serem contadas e recontadas ao longo dos anos.

No entanto, onde se assentam os fundamentos dessas histórias? O que podemos dizer em termos históricos, se é que podemos dizer alguma coisa, sobre o evento da ressurreição? Neste ponto, preciso parar para explicar por que os historiadores — enquanto estão trabalhando como historiadores — **não têm condições de usar o conhecimento proveniente das disciplinas históricas para afirmar que Jesus realmente ressuscitou em corpo físico, mesmo que pessoalmente acreditem nisso.** O ponto de vista que assumo aqui é de que, se os historiadores, ou quaisquer outros acreditam nisso, é por causa de sua fé, e não pela investigação histórica. Devo ressaltar que descrentes (como eu) também não podem *contestar* a ressurreição embasados na história. **Isso se deve ao fato de a crença ou descrença na ressurreição de Jesus ser uma questão de fé, não de conhecimento histórico.** (EHRMAN. B. D. 2020, p. 185-194) (grifo nosso)

Neste capítulo quatro desta obra, o autor Bart D. Ehrman discorre sobre o aspecto histórico da ressurreição, e em especial, a de Jesus, recomendamos todos os leitores, e não somente o nosso em especial, que conheça o desenrolar da narrativa, a fim de enriquecer o aspecto histórico e a implicação à fé.

O que vamos destacar, é o fato dos apóstolos terem fugido para a Galileia, que se situava a pelo menos 200 Km de Jerusalém quando Jesus foi preso, e no dia seguinte, crucificado. Levando em conta que para se chegar a Galileia, durava até uma semana

de caminhada, o que já coloca as narrativas dos Evangelhos em dúvida, quanto a presença de Jesus no meio dos apóstolos no terceiro dia após sua crucificação.

Tendo este evento em tela, precisamos abandonar o Jesus da fé e começar a montar o quebra-cabeça do Jesus histórico que estamos tentando demonstrar. O que nos move é justamente isso, a impossibilidade de uma ressurreição de aspecto físico, animando o corpo igualmente utilizado pelo próprio Cristo, antes de sua crucificação. Contudo, no capítulo seguinte da mesma obra *Como Jesus se Tornou Deus* O autor assim descreve.

### **A RESSURREIÇÃO DO ESPÍRITO**

Alguns cristãos antigos — adotando uma linha muito semelhante à que encontramos entre os oponentes de Paulo em Corinto — afirmavam que Jesus ressuscitou em espírito, não em corpo; que seu corpo morreu e apodreceu no sepulcro, como acontece com os corpos; mas que seu espírito seguiu vivo e ascendeu aos céus. Essa ideia se tornou proeminente entre vários grupos de cristãos gnósticos.

Não é necessário que eu entre em uma longa discussão do gnosticismo cristão primitivo neste contexto; existem vários estudos excelentes.<sup>73</sup> Para meus propósitos aqui, basta dizer que uma variedade de grupos depois do período do Novo Testamento — todos afirmando, é claro, representar as visões “originais” de Jesus e seus discípulos — sustentaram que o mundo que habitamos é um lugar perverso, caído e em desacordo com o reino maior e puramente espiritual ao qual todos nós em última análise pertencemos. O modo de escapar da armadilha deste mundo da matéria é adquirir conhecimento (= gnose) secreto do alto a respeito de quem realmente somos, como viemos parar aqui e como podemos retornar ao nosso lar celestial espiritual. Segundo esse ponto de vista, Jesus é aquele que veio do reino celestial para nos fornecer esse conhecimento secreto. Esses grupos são chamados de gnósticos devido à ênfase na gnose (conhecimento).

Vou discutir essa noção de Cristo em mais detalhes no Capítulo 7. Neste estágio, basta ressaltar que, para muitos desses gnósticos, a figura que pensamos como Jesus Cristo não era uma só pessoa, mas na verdade duas — um ser divino das alturas que veio habitar temporariamente o corpo material do homem Jesus. Segundo essa noção, o corpo material, pertencente ao mundo material e ao Deus inferior que o criou, foi transcendido na morte e ressurreição de Jesus, de modo que o corpo foi morto, mas o espírito, distinto dele, não foi tocado. O espírito divino retornou para o lar celestial, enquanto o corpo foi deixado para se corromper aqui na terra. Por essa perspectiva, o corpo físico não foi transformado em um corpo espiritual, como em Paulo; foi abandonado no sepulcro. O espírito seguiu vivo

passada a crucificação — tanto que, na verdade, não precisou ser “ressuscitado”. Simplesmente escapou da carne na crucificação.

Você pode encontrar essa ideia em um livro chamado *Apocalipse Copta de Pedro*, descoberto junto com uma coleção de outros textos gnósticos em 1945 perto da cidade egípcia de Nag Hammadi. O texto oferece um relato em primeira mão da crucificação de Jesus conforme observada pelo próprio Pedro. O impressionante — e de fato muito estranho — é que, enquanto Pedro está conversando com Jesus, vê outro Jesus sendo crucificado, de modo que aparentemente há dois Jesuses ali ao mesmo tempo. E tem mais: Pedro vê ainda uma terceira figura pairando sobre a cruz e rindo. Também é Jesus. Em sua confusão plenamente compreensível, Pedro pergunta a Jesus (o que está conversando com ele) o que é que ele está vendo. O Salvador fala para Pedro que estão crucificando não a ele, mas apenas “sua parte física”. O Jesus que ri acima da cruz é “o Jesus vivo”. Pedro ouve o seguinte:

*Aquele que crucificaram é o primogênito, e a casa dos demônios, e o vaso de argila no qual eles habitam, pertencente a Elohim, e pertencente à cruz que está sob a lei. Mas aquele que está junto a ele é o Salvador vivo, a parte primitiva daquele que prenderam. E ele foi libertado. Ele permanece alegre olhando os que o perseguiram. [...] Portanto, ele ri da falta de percepção deles [...] De fato, portanto, aquele que sofre deve permanecer, uma vez que o corpo é o substituto. Mas o que foi libertado era o meu corpo imaterial. (Apocalipse Copta de Pedro 82)<sup>74</sup>*

E assim, o que é morto é apenas a casca física de Jesus, que pertence ao Deus deste mundo (Elohim — o termo hebraico para Deus no Velho Testamento), em vez de ao verdadeiro Deus. O Jesus real é o espírito incorpóreo que habitou o corpo por um tempo e então foi liberto. Esse “Jesus vivo” ri porque seus inimigos pensam que podem matá-lo, mas de fato não podem tocá-lo. De acordo com essa ideia, o divino Espírito de Jesus é ressuscitado, e não o corpo de Jesus.<sup>75</sup> (EHRMAN. B. D. 2020, p. 240-243)

A ressurreição física de Jesus em corpo transformado foi o que defendeu Paulo nos primeiros registros cristãos, o que denota que no cristianismo nascente havia muitas teorias da ressurreição, tal qual apresentavam os Macedônios gregos que a defendiam ser uma ressurreição espiritual, Paulo já acreditava que era o corpo transformado e evangelistas posteriores, tais como Lucas e João defenderam que a ressurreição de Jesus foi em carne e osso, ideia esta combatida por Paulo, que acreditava que o corpo glorificado de Jesus não possuía carne e sangue.

Lembramos ainda o silêncio do Evangelho de Marcos e de Mateus, que precederam os outros dois, em tratar sobre a ressurreição física de Jesus. Tentar



harmoniza estas diferentes correntes de pensamento no primeiro século, não é possível, como bem continua a argumentar Bart D. Ehrman, em sua obra *Como Jesus se Tornou Deus* Vejamos:

### A RESSURREIÇÃO DO CORPO MORTAL

Não sabemos quão cedo as ideias gnósticas plenamente desenvolvidas ganharam expressão no movimento cristão; com certeza estavam em cena ali pela metade do século II, e possivelmente antes disso. Contudo, havia *tendências* para tais ideias já no período do Novo Testamento. Se minha reconstituição dos acontecimentos em Corinto exposta acima estiver correta, já nos anos 1950 alguns devotos de Jesus estariam abertos à ideia de que o espírito dele, e não o corpo, havia ressuscitado. Evidência adicional de que alguns cristãos assumiam essa ideia pode ser encontrada no fato de algumas tradições posteriores do Evangelho se empenharem em combatê-la.

No Evangelho de Lucas, por exemplo – escrito possivelmente por volta de 80–85 d.C. –, quando Jesus ressuscita, os discípulos têm dificuldade em acreditar que seja realmente ele, no corpo, mesmo quando o veem. Isso é afirmado em termos explícitos em Lucas 24:36–37: “Enquanto falavam essas coisas, o próprio Jesus apresentou-se entre eles e lhes disse: ‘A paz seja com vocês’. Eles ficaram assustados e com medo, e pensaram que estivessem vendo um *espírito*” (a palavra às vezes é traduzida como “fantasma”). Jesus os repreende e fala para que toquem em seu corpo, de modo que possam ver que é real: “Olhem as minhas mãos e os meus pés para ver que sou eu. Toquem-me e vejam — pois um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho” (24:39). Ainda assim eles têm dificuldade em acreditar, e então Jesus pede algo para comer. Dão a ele um pedaço de peixe assado, e Jesus come diante de seus olhos.

O cerne dessa narrativa é o seguinte: trata-se realmente de Jesus, o mesmo Jesus que havia morrido, e ele ainda tem um corpo completo, com carne, ossos, boca e, presume-se, sistema digestivo. Por que tanta ênfase na natureza corpórea do Jesus ressurreto? Quase com certeza porque outros cristãos estavam negando que aquele fosse o corpo ressuscitado. Se tivesse havido um debate entre Paulo (de 1 Coríntios) e os gnósticos (do *Apocalipse Copta de Pedro*) sobre Jesus ter ressuscitado em corpo, Lucas se situaria firmemente no campo paulino. Porém, com uma possível diferença: quando Paulo fala do corpo espiritual de Jesus, é enfático em 1 Coríntios quanto ao corpo ser transformado em um ser imortal. Para Paulo, isso é necessário porque o corpo de carne e sangue não é a “coisa” certa para entrar no reino de Deus. Conforme ele declara em termos inequívocos naquele contexto: “Carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, nem o que é perecível herda o imperecível” (1Co 15:50). O corpo mortal perecível será transformado em algo diferente — um corpo espiritual imortal, imperecível. Só então herdará a vida eterna. Para Paulo, portanto, este é o tipo de corpo que Jesus também possuía na ressurreição.

Para Lucas, porém, parece que o corpo ressurreto de Jesus era simplesmente o cadáver reanimado. É verdade que ele não diz que o corpo ainda é “carne e sangue” (para usar o termo de Paulo para o que não pode entrar no reino). Todavia, ele diz explicitamente que é “carne e ossos” (Lucas 24:39). E, ao contrário de um espírito, pode comer uma refeição de peixe assado. É como se Lucas enfatizasse que a ressurreição de Jesus fosse exatamente em *corpo* para combater os que queriam argumentar que era em *espírito*. Ao fazer isso, ele pode ter alterado as noções de Paulo, enfatizando ainda mais a característica carnal muito real do corpo de Jesus, não como algo transformado, mas como em pura continuidade com o corpo que morreu.

Mais adiante, encontra-se ênfase similar em João, na cena da “dúvida de Tomé”. De acordo com João 20:24–28, Tomé não estava com os discípulos quando Jesus apareceu para eles pela primeira vez. Tomé não acredita que eles viram o Senhor ressuscitado e diz a eles, de modo um tanto enfático demais, que não acreditará até que Jesus apareça para ele e ele possa tocar as chagas em suas mãos e flanco. E por certo Jesus aparece e diz a Tomé para tocar nele. Tomé acredita no mesmo instante.

Mais uma vez, Jesus está no mesmo corpo que foi crucificado, com chagas e tudo. Assim, tanto Lucas quanto João querem enfatizar a realidade do corpo ressuscitado de Jesus e igualmente sua absoluta continuidade com o corpo crucificado, de modo que obviamente não foi “transformado” em outra coisa, como acontece em Paulo. Alguém pode argumentar que já não se trata mais de um corpo normal, porque mesmo nesses Evangelhos Jesus parece capaz de surgir através de portas fechadas; portanto, *algum* tipo de transformação parece ter ocorrido. No entanto, é preciso lembrar que, mesmo durante a vida de Jesus, seu corpo supostamente tinha poderes sobre-humanos – podia andar sobre a água, por exemplo, e se “transfigurava” na presença dos discípulos. Assim, a ênfase de Lucas e João parece ser a de que realmente era o mesmo corpo, ressuscitado.

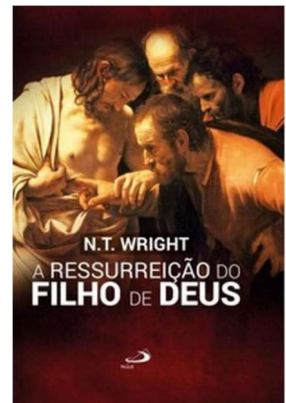
Esta é a noção que, por fim, tornou-se dominante em toda a cristandade em períodos posteriores, em grande parte porque, como veremos no Capítulo 8, alguns cristãos rejeitavam que Jesus tivesse *qualquer* corpo que fosse. A ênfase na fisicalidade de Jesus pretendia dar fim a essa noção. Jesus tinha um corpo real em vida e mesmo depois da ressurreição. A tônica de Paulo de que era um tipo diferente de corpo — feito de espírito em vez de carne e sangue — deixou de ser enfatizada com o passar do tempo.

É difícil saber o que os cristãos primitivos, antes de Paulo, pensavam a respeito do corpo de Jesus depois da ressurreição — se tinham uma ideia mais parecida com a de Paulo, nossa testemunha mais antiga, ou ideias mais semelhantes às encontradas em Lucas e João, que escreveram mais tarde. O certo é que os primeiros seguidores de Jesus acreditavam que ele tinha voltado à vida, em corpo, e que era um corpo que possuía características corpóreas reais: podia ser visto e tocado, e tinha uma voz que podia ser ouvida. Por que começaram a pensar nisso bem no começo da tradição cristã? O que os fez acreditar que Jesus havia

ressuscitado em corpo? Alguma coisa fez. E acho que sabemos o que foi: alguns seguidores de Jesus tiveram visões dele após ter sido crucificado. (EHRMAN. B. D. 2020, p. 243-247)

O nosso leitor deve estar se perguntando como podemos nos basear em uma obra de um agnóstico que evidenciou duas ressurreições de Jesus, com aspectos diferentes em Paulo, Lucas e João. É justamente pela imparcialidade deste autor em nos demonstrar que o conceito de ressurreição não é o mesmo em Paulo e o retratado nos Evangelhos, onde aquele diz que a carne e o sangue não herdam o reino dos céus, prefigurando uma transformação do corpo físico, em corpo em glória, os Evangelistas dizem o oposto, que a ressurreição de Jesus foi completamente material e seu corpo tinha sim carne e sangue.

Entretanto, sua defesa gravita do adjetivo grego “pneumatykos” (πνευματικός) que é a que anima o corpo ao qual conhecemos e temos com o sopro de vida, e “psychikos” (ψυχικός) como corpo ressurreto e animado com o espírito. Esta sua abordagem está baseando na posição do autor N. T. Wright em sua obra [A Ressurreição do Filho de Deus](#). O fato é que defendemos o Jesus histórico e não o Jesus da fé que é oferecido pelo nosso leitor, e ao que parece, se agarrou a este escritor para fundamentar sua tese de que a ressurreição é realmente física e que o corpo que Jesus animava, após a sua ressurreição, era igualmente físico, possuindo carne e sangue. Respeitamos sua visão, mas temos elementos suficientes para desacreditar nela. No [Léxico do Novo Testamento Grego – Português](#) do autor F. Wilbur Gingrich, acerca de “pneumatykos” (πνευματικός), assim nos esclarece:



**πνευματικός, ή, όν** relativo ao espírito, espiritual - 1. *causado por* ou cheio com o Espírito (divino), *pertencente* ou *correspondente* ao Espírito (divino) - a. como adj. Rm 1.11; 7.14; 1 Co 10.3s; 15.44; Ef 1.3; 5.19; Cl 1.9; 3.16; 1 Pe 2.5. ó πνευματικός (άνθρωπος) em 1 Co 2.15 pode significar a *pessoa espiritual*, cujos poderes de julgamento são dirigidos pelo Espírito de Deus. Cf. também 1 Co 15.47 v.l.—b. subst. τα πνευματικά *coisas* ou *assuntos espirituais* Rm 15.27; 1 Co 2.13; 9.11; 15.46. *Dons espirituais* 1 Co 12.1; 14.1. ó πνευματικός *aquele que possui o Espírito* 1 Co 3.1; 14.37; Gl 6.1. - 2. *pertencente a (maus) espíritos, poderes espirituais* Ef 6.12. \*[pneumático] (GINGRICH F. W. 1993, p. 169-170)

Um outro dicionário muito usado é o de [Dicionário Bíblico Strong Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong](#), do autor J. Strong, tal qual podemos conferir abaixo esta outra tradução de “pneumatykos” (πνευματικός).

**4152 πλεπκαηθνο** pneumatikos

de **4151**; TDNT - 6:332,876; adj

1) relacionado ao espírito humano, ou alma racional, como a parte do homem que é semelhante a Deus e serve como seu instrumento ou órgão

1a) aquilo que possui a natureza da alma racional

2) que pertence ao espírito, ou um ser superior ao ser humano, contudo inferior a Deus

3) que pertence ao Espírito Divino

3a) de Deus, o Espírito Santo

3b) alguém que está cheio e é governado pelo Espírito de Deus

4) relativo ao vento ou à respiração; ventoso, exposto ao vento, que sopra (STRONG. J. 1993. p. 1706)

Como podemos constatar e não misturar conceitos que é o “pneumatykos” (πνευματικός) relativo ao espírito e espiritual. Já sobre “psychikos” (μέντιουμ), iremos recorrer ao [Dicionário Teológico do Novo Testamento](#) do autor Daniel G. Reid que nos traz um importante esclarecimento.

**3.1.2 Cristo como o Último Adão: o espírito que dá vida.** Temos em I Coríntios 15.45-49 uma citação do comentário midráshico sobre Gênesis 2.7. A seção está alicerçada sobre a declaração que Paulo faz em I Coríntios 15.44b: “Se há corpo natural [“físico” na n r s v ], há também corpo espiritual”. Essa declaração de I Coríntios 15.44 é um resumo do parágrafo anterior, o qual começa em I Coríntios 15.35 e contém um debate sobre a natureza do corpo ressurreto. **Paulo fala aqui de um *sōma psychikon* (“corpo natural”) e um *soma pneumatikon* (“corpo espiritual”), eficazmente driblando seus oponentes coríntios** (Dunn, 1973). A exata identificação desses oponentes vem sendo ao longo dos anos objeto de amplo debate acadêmico. B. Pearson, no entanto, identifica o uso que eles faziam da terminologia *pneumatikos-psychikos* como um dos seus pontos de atrito com Paulo. É na tentativa de explicar a relação existente entre esses dois *sōmata* (“corpos”, tanto *pneumatikos* quanto *psychikos*) que Paulo se volta mais uma vez para a analogia Adão-Cristo de I Coríntios 15.45-49.

Paulo cita Gênesis 2.7 a partir da LXX, acrescentando as palavras “primeiro” e “Adão” ao texto do AT a fim de estabelecer o contraste tipológico com Cristo que se segue em I Coríntios 15.45b: “O último Adão [tornou-se] espírito que dá vida”. Ao estabelecer o contraste dessa maneira, Paulo está tratando da questão dos “corpos” da existência natural e da espiritual, como se pode perceber no uso dos

artigos definidos neutros (no original grego) de I Coríntios 15.46 (sendo o antecedente “corpo”), em vez de artigos masculinos (no original grego; o masculino se referiria a “homem”). O argumento é que Adão, por ter “corpo físico” (n r s i'), também se tornou “ser vivente”; Cristo, por tornar-se “corpo espiritual”, também se tornou espírito “que dá vida”. Paulo não está aqui apenas fazendo uma afirmação antropológica sobre Cristo como o “último Adão”. O que ele quer dizer vai além disso: está também fazendo uma declaração cristológica sobre o Senhor ressurreto que se manifestou na igreja como o Espírito regenerador. A passagem de Gênesis prestava-se a esse propósito, embora, como observa **N. T. Wright, a relação desse ponto cristológico com o debate principal sobre o “corpo espiritual” não esteja evidente à primeira vista.**

Em certo sentido, portanto, o uso que Paulo faz da analogia Adão-Cristo não é de todo uniforme. Ao chamar Cristo o “espírito que dá vida”, Paulo está fazendo uma declaração sobre a obra de Cristo na igreja que não tem nenhum correspondente no lado adâmico da analogia. O fator que motiva Paulo a fazer uso da analogia é seu desejo de mostrar que existe um relacionamento entre Adão e o restante da humanidade. Mas a maravilha do que Deus havia feito pela raça humana por meio de Cristo é tão superior que a analogia Adão-Cristo se desmantela. Foi empregada pelo apóstolo apenas à medida que se mostrou útil para demonstrar a solidariedade (no sentido de mútua representatividade) dos dois Adões com seus respectivos representados, mas, quando não conseguiu mais transmitir nem carregar a mensagem do poder de Cristo que transforma a vida do crente, foi abandonada.

É significativo que as duas referências estruturadas relativas à analogia Adão-Cristo de I Coríntios 15 (I Co 15.21 e I Co 15.45) são seguidas por passagens que falam de Jesus Cristo em linguagem grandiloquente e às vezes são entendidas como uma expressão do entendimento paulino doutrina de preexistência. Assim, em I Coríntios 15.25-28, há o uso cristológico de Salmos 8.6 e de Salmos 110.1, ao passo que em I Coríntios 15.47-49 há referências repetidas ao “homem [...] do céu/celestial”. A pergunta que então precisa ser formulada é: Existe alguma relação entre o fato de Paulo chamar Jesus Cristo de “último Adão” e a linguagem grandiloquente vinculada à expressão “homem do céu” atribuída a ele em I Coríntios 15.25-28 e em I Coríntios 15.47-49? Se existe tal associação, podemos encontrar aí um elo entre a teologia adâmica de Paulo e sua crença na preexistência de Cristo, ou mesmo um traço ou vestígio da figura do “Filho do homem”. Muitos (como Dunn) sentem que isso não passa de especulação e assim significa forçar as evidências; devemos prosseguir com cautela. De todo modo, não devemos permitir que a questão fascinante de uma sobreposição entre as ideias da preexistência e da linguagem grandiloquente vinculada à expressão “homem do céu” nos desvie do caráter essencialmente escatológico da analogia Cristo-Adão como encontrada nessa carta. (REID. D. G. 2012. p. 20-21) (grifo nosso)

No texto de Paulo, em exame, a questão academicamente ainda não está em consenso, onde encontramos autores como o mencionado pelo nosso leitor N. T. Wright

que defende que o corpo espiritual não esteja na primeira vista do contexto de Paulo, mas outras fontes (Dunn, 1973), como **“Paulo fala aqui de um *sōma psychikon* (“corpo natural”) e um *soma pneumatikon* (“corpo espiritual”), eficazmente driblando seus oponentes coríntios”** que é o que temos defendido o corpo natural, ou físico em contraste com o corpo espiritual, que nosso leitor defende apenas a tese de que o corpo espiritual é composto de carne e sangue, tais como demais elementos de um corpo material mais sutil.

Para encerrar nossa análise, veremos o **Dicionário Teológico do Novo Testamento** do autor Daniel G. Reid, como ele comenta sobre a *psyché* mencionada na nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém informada.

**4.8 A ressurreição e a redenção do corpo.** O ensino de Paulo sobre a ressurreição do corpo surge da antropologia judaica, segundo a qual a “alma” (hebr., *nepesh*; gr., *psychê*) é o princípio estimulador da vida humana. **No pensamento predominante do judaísmo, os seres humanos não têm alma: eles são alma.** Essa sustentação antropológica tem implicações tremendas para a doutrina da ressurreição, pois se recusa a abrir mão do componente somático do ser humano. A ressurreição envolve a redenção do corpo físico, embora, como já foi dito, a natureza somática da existência ressurreta crie oportunidade para algumas das ideias mais criativas de Paulo, expressas em I Coríntios 15.35-49. Tendo em vista esses antecedentes, é compreensível que, em Romanos 8.23, Paulo entenda os resultados da ressurreição como “a redenção do nosso corpo” [*tên apolytrōsin tou sōmatos hēmōn*]. Uma ideia semelhante é expressa em Filipenses 3.20,21, mas dessa vez o corpo da ressurreição da comunidade de fé está intimamente ligado ao do Cristo ressuscitado. Outros casos envolvendo a ideia de redenção [*apolytrōsis*] no *corpus* paulino (Rm 3.24; I Co 1.30; Ef 1.7,14; 4.30; Cl 1.14) devem ser vistos no contexto da ressurreição de Jesus Cristo e das implicações dessa ressurreição, tanto para a humanidade quanto para o cosmo. (REID. D. G. 2012. p. 1120) (grifo nosso)

Como representado no contexto, nós não temos uma alma, nós somos uma alma dentro da perspectiva judaica e no pensamento de Paulo. Concluimos, indubitavelmente que Paulo se referia ao ser completo, sendo alma, corpo e espírito, dentro da tricotomia e em algumas ocasiões, dicotômico, sendo somente alma e corpo juntos, bem como encerra o o **Dicionário Teológico do Novo Testamento** do autor Daniel G. Reid.

É improvável que a palavra grega *psychê* em I Coríntios 15.45 tenha o sentido de “alma”. Pelo contrário, tanto aqui como em outras passagens do nt (como ocorre com o hebr. *nepesh*), significa “ser” — Adão era um ser vivo. 4) **Quando**

**Paulo emprega o termo “corpo espiritual” [*sōma pneumatikon*], ele não quer dizer um corpo constituído de substância imaterial, mas um corpo que recebeu o poder do Espírito. (REID. D. G. 2012. p. 352) (grifo nosso)**

Fundamentamos, o texto de 1ª Coríntios 15 é completamente escatológico e Paulo assegurou pelas diversas fontes que vivenciaria o fim dos tempos, ainda com vida e seria transformado seu corpo material em corpo de glória, com a vinda iminente de Jesus, em juízo àquela geração. O nosso leitor se enquadra numa crença tardia que acreditava na ressurreição física de Jesus e não nos moldes de Paulo que acabam sendo impossíveis de conciliar, tal qual apresentamos as evidências.

Thiago Toscano Ferrari  
Janeiro / 2022

---

#### **Referências bibliográficas:**

**Bíblia de Jerusalém**, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.  
REID. D. G. **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2012.  
EHRMAN. B. D. **Como Jesus se Tornou Deus**. São Paulo: Leya Editora, 2020  
GINGRICH F. Wilbur, **Léxico do Novo Testamento Grego / Português**, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, São Paulo, 1993.  
STRONG J. LL.D, S.T.D.; **Dicionário Bíblico Strong Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**, Barueri/SP, Editora SBB, Ano 2002  
[1] Bíblia em Grego comentada: [https://biblehub.com/commentaries/1\\_corinthians/15-50.htm](https://biblehub.com/commentaries/1_corinthians/15-50.htm)

#### **Textos sugeridos:**

FERRARI. T. T. **A Grande Tribulação e o seu Cumprimento Histórico**. Vitória-ES 2021,  
<https://apologiaespirita.com.br/a-grande-tribulacao-e-o-seu-cumprimento-historico/>  
FERRARI. T. T. **A Torá e a Reencarnação**. Vitória-ES. 2021,  
<https://apologiaespirita.com.br/a-tora-e-a-reencarnacao/>  
FERRARI. T. T. **Análise de alma e espírito no contexto grego** Vitória-ES. 2015,  
<https://apologiaespirita.com.br/analise-e-alma-e-espírito-no-contexto-grego/>  
SOBRINHO. P. N. S. **Ressurreição da carne?** Belo Horizonte-MG. 2011  
<https://apologiaespirita.com.br/ressurreicao-da-carne/>